

No dia da morte

O dia mais solene e grandioso na vida do homem é o dia de sua morte, o dia sagrado da grande renascença. Mas vocês já pensaram alguma vez seriamente, como convém, sobre este dia mais importante, inevitável e último de nossa vida? Viveu na terra um homem estritamente crente, "lutador pela letra da lei", como o chamavam, servo zeloso de um Deus severo. E eis que a Morte se aproximou de seu leito; ele viu diante de si os traços celestes e austeros do anjo da Morte.

— Chegou tua hora, segue-me! — disse o anjo, tocou com a mão fria como gelo os pés do homem — os pés endureceram; depois tocou-lhe a fronte e, finalmente, o coração — este deixou de bater, e a alma do defunto seguiu o anjo da Morte.

Mas naqueles poucos segundos que transcorreram enquanto o frio mortal subia dos pés ao coração do moribundo, passou diante de seus olhos, como enormes ondas do mar, tudo quanto ele havia vivido e sentido durante sua vida terrena. Assim mede o homem, num único olhar, a profundidade sem fundo e vertiginosa; abrange, num movimento instantâneo do pensamento, o caminho imensurável e infinito; contempla, num só olhar, toda a totalidade dos inúmeros mundos estrelados, astros e planetas espalhados pelo espaço cósmico.

Em tais minutos, o pecador é tomado por um tremor invencível; não tem onde se apoiar, parece cair de cabeça num vazio infinito. O justo, porém, tranquilamente, como uma criança, entrega seu espírito nas mãos de Deus, dizendo: "Seja feita a tua vontade!"

Mas este moribundo não possuía uma alma de criança; sentia-se um homem feito. Ele não tremia como um miserável pecador, pois, consciente de ter sido verdadeiramente crente, guardara firmemente todos os mandamentos, cumprira rigorosamente todos os ritos religiosos; enquanto isso, quantas pessoas — como ele bem sabia — seguiam pelo caminho largo do pecado, que conduz diretamente ao inferno! E ele próprio estaria pronto a exterminar, aqui na terra, com fogo e espada, seus corpos, assim como lá seriam exterminadas suas almas. Seu caminho, porém, conduzia diretamente aos céus; a misericórdia celestial deveria abrir diante dele as portas do paraíso, conforme prometido a todos os crentes.

E a alma seguiu o anjo da Morte, lançando um último olhar de despedida sobre o leito onde, sob um branco sudário, repousava sua frágil vestimenta, agora estranha a ela, personificação de seu antigo "eu".

Eis que ora voavam, ora caminhavam, não se sabe se por algum salão vasto ou por uma floresta, onde a natureza aparecia, contudo, aparada, esticada, amarrada, artificial, como nos antigos jardins franceses. Ali realizava-se um baile de máscaras.

— Eis-te a vida humana! — disse o anjo da Morte.

Todas as figuras estavam mais ou menos mascaradas, de modo que não eram propriamente as mais nobres ou poderosas aquelas que se drapavam em veludo e ouro, nem as mais baixas e insignificantes as vestidas com trapos de mendigos. Estranho era aquele baile de máscaras, sem dúvida! E o mais estranho de tudo era o empenho de cada um em esconder dos outros algo sob as dobras de sua roupa e, ao mesmo tempo, abrir a roupa do outro para revelar o que este ocultava! Quando bem-sucedidos, sempre surgia debaixo das vestes a cabeça de algum animal: aqui, a de um macaco careteiro; ali, a de um bode repugnante, de uma serpente viscosa ou de um peixe meio adormecido!

Numa palavra, debaixo da roupa de cada homem espreitava aquele animal que ele carregava na alma. E esse animal saltava, agitava-se e esforçava-se por libertar-se, enquanto o homem procurava cobri-lo bem com sua roupa; mas outras pessoas arrancavam-lhe a vestimenta e gritavam:

— Eis como ele é, eis como ela é, olhai, boas gentes! Cada qual se empenhava em expor a ferida do próximo.

— Que animal habitava em mim? — perguntou a alma peregrina, e o anjo da Morte indicou-lhe uma figura orgulhosa à frente deles; sua cabeça estava circundada por um halo iridescente, mas junto ao coração viam-se patas de pavão; o halo iridescente nada mais era senão sua cauda!

Mais adiante no caminho, viram nos galhos das árvores pássaros hediondos; eles gritavam com vozes humanas: "Peregrina, lembras-te de nós?" Eram todos os maus pensamentos e obras terrenas da alma; e agora clamavam-lhe: "Lembras-te de nós?"

E a alma foi tomada de tremor — reconheceu pela voz todos os seus maus pensamentos e obras, que agora testemunhavam contra ela.

— A carne humana é fraca, a natureza é pecaminosa! — disse a alma. — Mas meus maus pensamentos não se transformaram em ações, e o mundo não viu frutos malignos!

E ela apressou-se com todas as forças, tentando afastar-se rapidamente daqueles pássaros negros e repugnantes, mas eles continuavam a voar em círculos sobre

ela, gritando cada vez mais alto, como se quisessem difamá-la perante o mundo inteiro. A alma disparava como uma corça perseguida, mas a cada passo quase tropeçava em pedras agudas, ferindo os pés até sangrar.

— De onde vêm estas pedras agudas? Toda a terra está coberta por elas, como por folhas secas!

— Estas são tuas palavras imprudentes e inconsultas, escapadas durante tua vida! Elas feriram os corações de teus próximos muito mais profundamente e dolorosamente do que agora estas pedras ferem teus pés.

— Isso nunca me passou pela cabeça! — disse a alma.

— Não julgueis e não sereis julgados! — soou no ar.

— Todos somos pecadores! — disse a alma, e novamente disparou pelos ares. — Guardei rigorosamente a lei e o Evangelho, fiz tudo o que devia. Não sou como os outros!

E eis que chegaram às portas do paraíso. O anjo que ali estava de guarda perguntou:

— Quem és tu? Dize-me de que fé és, e testemunha-a com tuas obras!

— Cumpri rigorosamente todos os mandamentos de Deus! Humilhei-me diante dos olhos do mundo, odiei e persoguei o mal e os maus, que seguem pelo caminho largo para a condenação eterna, e estou pronto a persegui-los agora com fogo e espada, tanto quanto estiver em meu poder.

— Então és dos seguidores de Maomé? — perguntou o anjo.

— Eu? Jamais!

— "Quem toma a espada, pela espada perecerá", diz o Filho de Deus; não és de sua fé. Talvez sejas filho de Israel, repetindo após Moisés: "Olho por olho, dente por dente"? És filho de Israel e teu Deus severo é apenas o Deus de teus pais?

— Sou cristão!

— Não te reconheço nem pela fé nem pelas tuas obras! Cristo pregou o perdão, o amor e a misericórdia!

— Misericórdia! — ecoou no infinito espaço cósmico; as portas do paraíso abriram-se de par em par, e a alma lançou-se nos salões celestes.

Mas de lá irradiava uma luz tão ofuscante e penetrante que a alma recuou, como diante de uma espada que subitamente brilhasse no ar. Ouviram-se sons

maravilhosos, ternos, que tocavam a alma... Nenhuma língua humana é capaz de descrevê-los, e a alma inteira tremeu, sua cabeça inclinou-se cada vez mais baixo, os joelhos dobraram-se! A luz celestial iluminou-a, e ela sentiu, compreendeu aquilo que antes jamais havia sentido nem compreendido — todo o peso de seus pecados: soberba e dureza de coração. Ela inteira se esclareceu e exclamou:

— Tudo quanto fiz de bom, não o fiz por mim mesma, mas porque não podia agir de outro modo; o mal, porém... emanava de mim mesma!

E a alma sentiu que empalidecia completamente sob os raios da luz celestial, caiu impotente de joelhos e como que se encolheu toda, recolheu-se, escondeu-se dentro de si mesma. Sentia-se tão oprimida, tão insignificante, tão indigna de entrar no reino dos céus que, ao pensar no rigor da justiça divina, não ousava sequer clamar por sua misericórdia.

E foi-lhe concedida misericórdia onde ela não a esperava.

O reino de Deus ocupa um espaço infinito, mas o amor de Deus preenche-o todo com uma plenitude indizível!

— Sê santa, bem-aventurada e amada eternamente, alma humana! — soou no ar.

E todos nós, todos tremeremos no dia de nossa morte terrena diante do esplendor e da magnificência celestiais, baixaremos humildemente a cabeça, dobraremos os joelhos com reverência, mas, novamente erguidos pelo amor e pela misericórdia de Deus, seguiremos por novos caminhos e, tornando-nos cada vez melhores, mais puros e mais luminosos, aperfeiçoando-nos cada vez mais, aproximarmo-nos-emos finalmente do salão celestial, e Ele mesmo nos introduzirá na morada luminosa da eterna bem-aventurança!